

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Três Poços

código
AI - FO1 - VR

localização
Rua Paulo Erlei Alves Abrantes

município
Volta Redonda

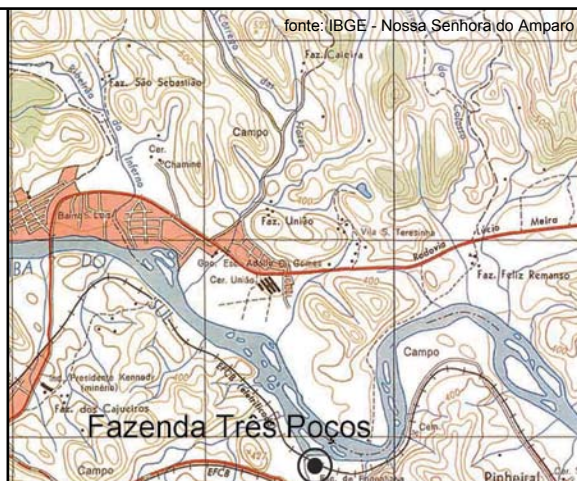
época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
institucional / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma/ tombamento

proprietário
Fundação Oswaldo Aranha



situação e ambiência

Situada na margem direita do Rio Paraíba, entre as antigas estações ferroviárias de Pinheiral e Jorge Rademaker, a Fazenda Três Poços, outrora de grande extensão territorial, abrange hoje a várzea que margeia o Rio Paraíba até a altura do casario urbano, nos fundos do qual se inicia o “mar de morros” característico da região.



coordenador / data
equipe
histórico

Vilma Lobo Abreu - jan 2008
Daniel de Castro e Vilma Marins
Adriano Novaes

revisão / data
Marcos Bittencourt - abr 2008

Originalmente de grande importância produtiva – da vastidão de suas terras desdobraram-se várias fazendas da região –, atualmente, suas terras se restringem aos 140.000 m² do campus universitário, contido entre a Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes e a Rua Erika Berberte.

Corre em suas terras o Rio Três Poços, que a nomeia, havendo um pequeno bosque nos fundos.

Atualmente, a casa-sede integra o Campus Universitário Olésio Galotti, do Centro Universitário de Volta Redonda / UNIFOA, e sua ambiência original deu lugar ao complexo de edificações que compõe o campus.



Casa-sede em dois pavimentos, caracterizada por possuir um corpo único; de fachadas retangulares e de iguais dimensões, com a planta tendendo à dimensão retangular, mantendo pátio interno.

O telhado em duas águas, com cumeeiras paralelas às fachadas, é recoberto em telhas capa e canal, terminando em beiral com cimalha simples de madeira. Pequena água-furtada abre-se para o pátio interno. Uma varanda se estende pela fachada lateral.

O acesso principal da casa-sede volta-se à escada em forma de leque, com balaustrada de ferro e proteção por pequeno alpendre.

Atualmente, seu interior foi modificado para acomodar salas de aula e laboratórios. Sua planta original destaca-se pela ausência de alcovas, raro em construções desta época. Os ângulos da construção terminam nos característicos cunhais em forma de pilastras de alvenaria com capitel simples distante do entablamento.

Os vãos das paredes externas são mais numerosos no sobrado, enquanto que no térreo só há janelas na fachada voltada à estrada. Todos os vãos apresentam vergas e sobre-vergas retas em estuque, guarnecidas por esquadrias com venezianas externas (modificadas) e guilhotinas internas originais, com reticulados simples na folha móvel e nas bandeiras, apresentando desenhos em losangos arqueados, que se repetem nas bandeiras das portas internas.

Como elementos de destaque, há o moinho para extração do óleo de mamona para o abastecimento das candeias da fazenda.

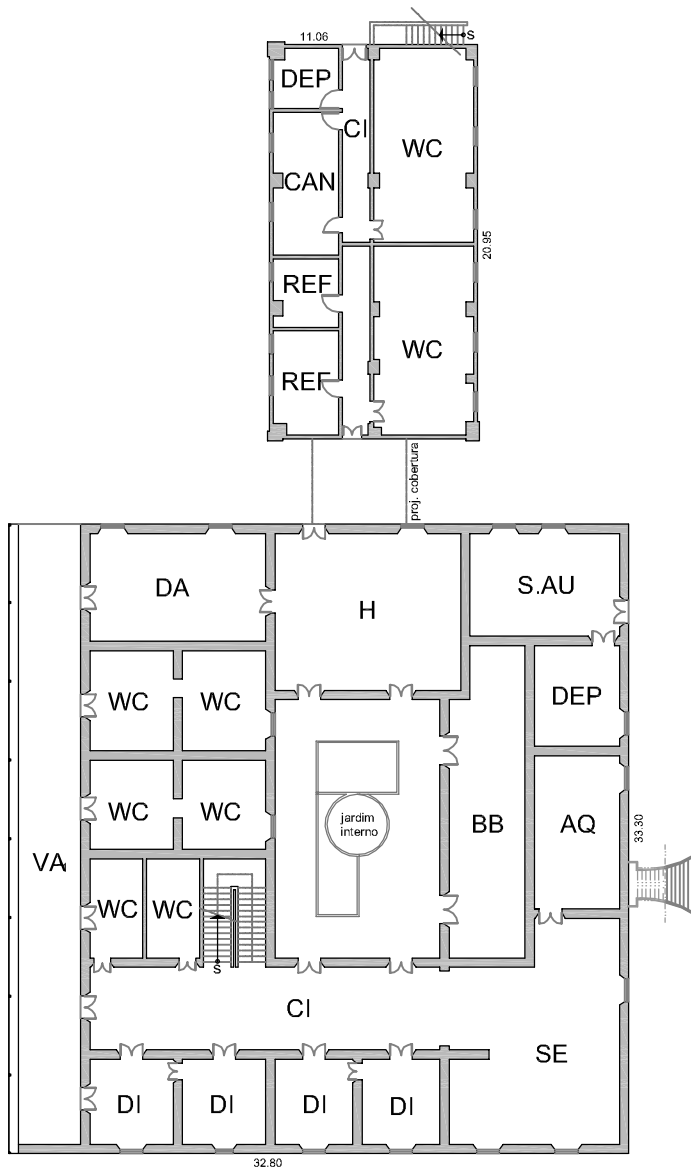
A casa-sede original, após sua desapropriação, foi demolida, por ser considerada de impossível restauração e reconstruída, com materiais e técnicas contemporâneas, *“sobre os mesmos alicerces de pedra, preservando, na reconstrução, os mínimos detalhes de seu belo perfil”* (sic).



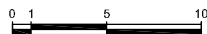


A casa-sede original foi demolida e reconstruída sobre os alicerces de pedra originais, mantendo-se, desde então, em bom estado de conservação. Assim, fundações, paredes de vedação, cobertura e as condições gerais da estrutura de madeira acham-se sem patologias perceptíveis





FAZENDA TRÊS POÇOS
 1 Planta Baixa da Sede -1º PAVTO. escala: 1/400



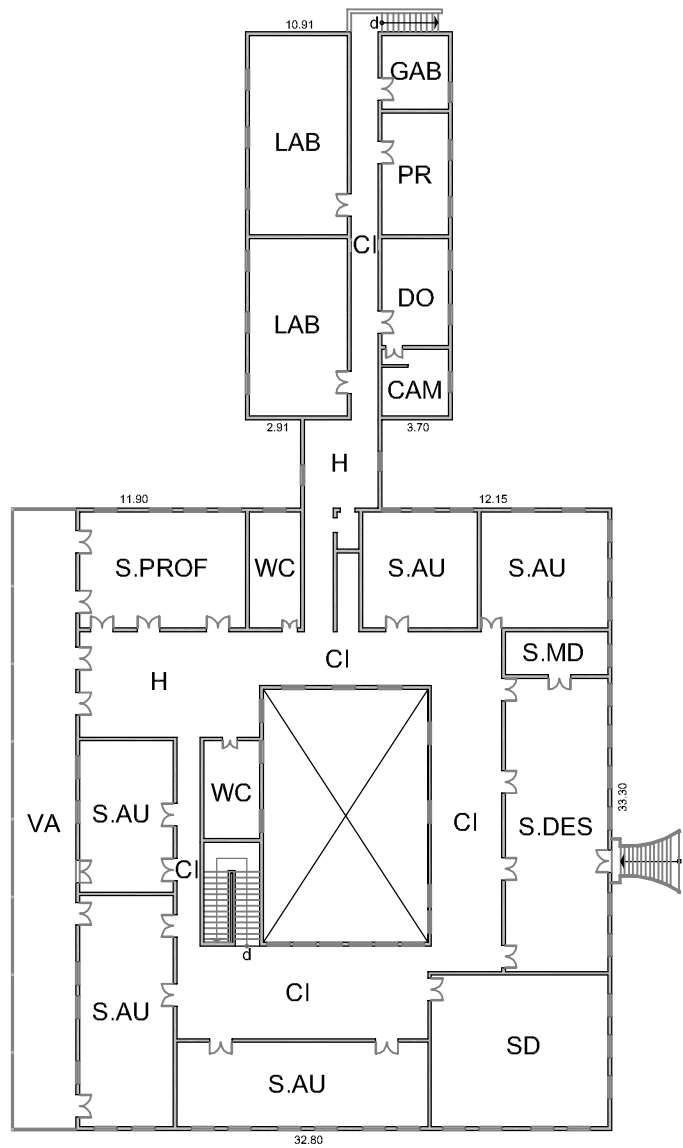
AQ - arquivo CAN - cantina DA - diretório acadêmico DI - diretoria REF - refeitório SE - secretaria WC - banheiro — alvenaria existente
 BB - biblioteca CI - circulação DEP - depósito H - hall S.AU - sala de aula VA - varanda

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

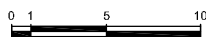
AI - F01 - VR

1/2

equipe: Vilma Lobo Abreu/ Christian Andrade Vieira/ Ademir Jr. Manoel	desenhista: Vilma Lobo/ Christian Vieira/ Ademir Jr.	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	--	-------------------------------	-------------------



1 **FAZENDA TRÊS POÇOS**
 Planta Baixa - 2º pavimento escala: 1/400



CAM - camera escura	DO - depart. de ótica	LAB - laboratório	S.AU - sala de aula	S.PROF - sala de professores	— alvenaria existente
CI - circulação	GAB - gabinete	PR - preparação	S. DES - sala de desenho	S.MD - sala de desenho	
DA - diretório acadêmico	H - hall	S.MD - material de desenho	SE - secretaria	WC - banheiro	VA - varanda

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AI - F01 - VR

2/2

equipe: Vilma Lobo Abreu/ Christian Andrade Vieira/ Ademir Jr. Manoel	desenhista: Vilma Lobo/ Christian Vieira/ Ademir Jr.	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	--	-------------------------------	-------------------

As terras que deram origem a esta fazenda tiveram como primeiro proprietário o sesmeiro Mateus Pereira de Araújo e Oliveira, cujas terras de meia légua em quadra foram concedidas em 1784. Por venda passaram a outros proprietários, entre eles, José Gonçalves de Moraes, futuro Barão de Pirai.

Por volta de 1834, Três Poços foi doada por José Gonçalves de Moraes ao seu genro, Comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros, filho do Visconde de Congonhas do Campo, casado com D. Cecília Gonçalves de Moraes, da família Breves, por parte de mãe.

O casal teve seis filhos, entre eles Maria Eugênia, nascida na fazenda, e que mais tarde viria a ser a Condessa Monteiro de Barros, título a ela concedido pelo Vaticano. Além dela, entre tantos netos e bisnetos do casal pioneiro – considerando apenas os nascidos em Três Poços –, sete ostentaram títulos de nobreza, também de origem estrangeira, a saber: um conde, quatro condessas, um visconde, e uma baronesa.

Com o casal Lucas Antônio e Cecília, Três Poços alcançou grande prosperidade, atingido no ano de 1860 a produção de 22.000 arrobas e 330t de café em grão. Estavam por trás desta grande produção, 627 escravos sendo, somente em Três Poços, 313 (havia mais outras fazendas anexas, entre elas a Santa Cecília, berço da CSN, Brandão e Volta Redonda).

A sede da fazenda, construída provavelmente na década de 1840, recebeu, em 1859, a visita do viajante português Augusto Emílio Zaluar que almoçou com o proprietário antes de seguir viagem para Barra Mansa.

Com a morte do comendador, ocorrida em 1864, assumiu a propriedade e deu a ela grande impulso à viúva, D. Cecília de Moraes Monteiro de Barros, que sobreviveu ao marido 56 anos. Após sua morte em 1918, com a idade de 98 anos, parte das terras (100 alqueires), o solar e as instalações da fazenda, agora já mais voltada à pecuária leiteira, foram doadas em testamento aos monges Cistercienses, mais conhecidos como Trapistas, e, depois de passar por outras congregações religiosas, como os Beneditinos, foi desapropriada em 1967 e transformada na Fundação Oswaldo Aranha. Hoje, em parte das terras da antiga fazenda estão instaladas unidades do campus universitário da FOA.

A partir de 1871 a fazenda era servida de transporte ferroviário, através da “Estação Três Poços”.

Atualmente, o histórico Solar, que mantém externamente grande parte de sua configuração original, é ocupado pela Escola de Engenharia Civil da Fundação Oswaldo Aranha / FOA e está tombado pelo decreto municipal número 2.117, de 23 de dezembro de 1985.

Partes das antigas instalações da unidade de produção de café resistem ao lado da sede como, por exemplo, um interessante moinho que tem sua estrutura de madeira, inclusive eixos, polias e engrenagens, e que era acionado por força hidráulica provida pela roda d'água (não mais existente) que fazia girar, dentro de um recipiente circular também de madeira, duas pesadas pedras de moer em formato de queijo.

O altar da capela desta fazenda foi transferido para a Fazenda Feliz Remanso, cujos proprietários atuais são descendentes do casal Lucas Antônio e Cecília.